

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Mário Beirão
Cintra



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Mário Beirão

Cintra

Atualização ortográfica
Iba Mendes

Ortografia Original: Project Gutenberg

Publicado originalmente em 1912.

Mário Pires Gomes Beirão
(1890 – 1965)

“Projeto Livro Livre”

Livro 397



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Mário Beirão: “*Cintra*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Mário Gomes Pires Beirão nasceu na cidade de Beja, a 1 de Maio de 1890 e não em 1892 como se regista na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* e em outras publicações que nela se inspiraram.

Deve-se a José Luís Soares (*Diário do Alentejo*, 1993, 19 de fevereiro) a investigação que permitiu esclarecer a data correta.

Nasceu, pois, Mário Beirão na capital do Baixo Alentejo, na rua das Portas de Aljustrel, no atual nº 29, casa assinalada por uma placa comemorativa do nascimento do poeta, e foi batizando, já em 1891, na igreja de S. João Baptista, hoje desaparecida. Foram seus pais Francisco Gomes Beirão, de Vila Nova de S. Bento, comerciante com estabelecimento na rua dos Mercadores, e Maria José do Carmo Pires Beirão, natural de Ourique. Foi o quarto filho deste casal.

Em Beja passou Mário Beirão a sua mocidade, frequentando o Liceu, então instalado, na Praça – atual Praça da República – onde concluiu a 5ª classe em 1910. Residindo fora de Beja, visitava-a, contudo, com alguma frequência e não esqueceu a sua Escola. Prova disso é a oferta à Biblioteca do Liceu, em 1938, de um seu livro de poemas, "A Noite Humana", com dedicatória e assinatura.

Esteve também presente na I Festa de Confraternização dos Alunos do Liceu de Beja, em 1950.

Estreou-se como poeta com *O Último Lusíada*, publicado em 1913, a que se seguiram *Ausente* (1915); *Pastorais* (1923); *A Noite Humana* (1928); *Novas Estrelas* (1940); *Mar de Cristo* (1957) e *O Pão da Ceia* (1964).

Escreveu ainda um volume de viagens em prosa e verso, *Oiro e Cinza* (1964).

Em 1996, a Imprensa Nacional - Casa da Moeda, em edição organizada por António Cândido Franco e Luís Amaro e prefaciada por José Carlos Seabra Pereira, publica o conjunto da obra do poeta, sob o título "Mário Beirão - Poesias Completas".

Mário Beirão faleceu em Lisboa, em Fevereiro de 1965.

Referência bibliográfica:

Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares DSRA – Direção de Serviços Região Alentejo:
www.drealentejo.pt

CINTRA

A Teixeira de Pascoaes

Oh Pena, altar de nuvens sobre a Serra,
Paço de sombras reais, feito em granito
E séculos de Azul, — olhando a Terra
Das janelas que ogivam o Infinito!

Oh vô das florestas que se esfolham,
Tontas de céus, fragrância!
Oh tardas sombras roxas da Distância!
Ruínas — noite donde as águias olham!

Oh cedros esmanchando as ramarias,
Afofando penumbras!
Crepúsculos longínquos de arcarias!
Água que, ao pôr-do-sol, és múrmura e deslumbras,
Que deslumbras meus olhos, meus ouvidos,
E, incerta de gemidos,
Vais esculpindo a diáfanos lavores
As pedras onde o sol desmaia e verte cores!

Oh paisagem do céu! Cintra! Visão suprema!
Arquitetura dos acordes dum poema!
Em ti as mãos do Vento em fúria batalharam!
O Gênio e a Lenda para além te perpetuaram!

Oh Graça que desceste à Terra por encanto,
Granitos que, ao luar, sois brancos alabastros,
Ramos verdes, à noite, onde estremecem astros,
Meu canto vem de vós, é para vós meu canto!

Fraguedos, serrania,
Do alto de vós olhando,
Tolhidos de invernia,
Alados de neblinas!
Nos longes acenais, notívagos, em bando,
Franjas, espuma vaga de cortinas,
Aéreas e nevadas,
Farrapos onde a Noite esconde as madrugadas...

Oh figuras dum drama subterrâneo,
Gélidas do pavor das sombras que repassam!

Fragas, espectros vãos, que a um rasgo momentâneo,
O vento esculpe e os raios despedaçam!

E ao longe o Mar é um canto de epopéia
Memorando naufrágios...

Profundo ferve, anseia,
Lívido estagna, e sonha, e pára no caminho!
Eis que numa revolta, amargo de presságios,
Lavra de espuma e som visões em desalinho,
Rasga o pano da Noite e, monstro de águas, uiva,
E tomba doido a rir, sobre os areais, exausto...

A areia escalda ao sol... Ígnea de sede ruiva,
Mina-se de água e Azul, absorve o mar num hausto!

Oh Cintra, rente ao céu, o Mar te afaga,
Floresces em murmúrio, em hálitos de vaga...

De ti eu dominei, vareei os horizontes,
Estou cansado já, fui Júpiter na Terra!
Nas tuas fontes,
Onde um crepúsculo erra
E o ar é de abandono,
Que eu fosse o musgo em sombra verdecendo,
A voz de longe e Outono,
Baixinho fenecendo...

Fosse a humildade!
Os úmidos recantos
Onde a sombra se esquece, incerta de saudade,
E a chuva caiem prantos...

Fosse o tronco musgoso, enverrugado,
Onde — lembrança eterna,
Um coração se vê de setas trespassado!

Fosse a Elegia do Ar quando o Ar inverna,
Rumores de água, queixas...

...Mansa, como rezando,
" — Porque me deixas!"
Como que a Sombra diz no seu silêncio frio
Á fonte de esquecida memorando,
Lucilante de lágrimas a fio...

Ah, pudesse eu viver pela espessura
Dos bosques rumorosos,
Às horas em que a Sombra as coisas transfigura!
Ser o Outono, o crepúsculo, a harmonia
Das aves cuja voz é um hálito de luz
De poentes que morrem de saudosos!
Vestir os troncos nus,
Chorar melancolia...

À tarde quando a luz penumbras vem rezando
A Forma é Aparição,
Há lágrimas de Azul as almas orvalhando,
A Cor é emanação...

Tudo se transfigura:
Há paisagens, cenários pela Altura!

Eu deixo de existir
Para mais dentro em mim viver, sentir...

É a hora transcendente
Em que o Passado surge evocador do escuro,
E, sôfrego, o Presente
Dissolve a nevoa do Futuro.

Oh Pena ao alto erguida,
Recortada na sombra — aza de águia perdida,
Nas rochas esfarpando-se!
Nuvem numa outra nuvem evolando-se...

Oh Cintra, ao poente, a fumos de viuvez,
Subindo num adeus,
Quimérica de longe a Terra já não vê:
É uma ânsia de Infinito a que te abrasa,
Oh verde forma de aza
Com frêmitos de céus!

Oh Cintra és já Distância
Na comunhão dos astros!
Teus granitos transformam-se: alabastros,
De brancos a rezar... Ideal sonância!

E, eu que vivi em ti, rezo contigo,
Eu, o incerto, misérrimo mendigo,
Trago nos olhos tristes pedrarias,

Astros radiando pálidos fulgores,
Desmaios de harmonias,
No concerto mais íntimo das cores.

E a Noite escuta, empalidece,
Um murmúrio de voz esvoaça numa prece:

Flébil, o ar magoando,
Idílios suspirando,
Duma estrela que nasce ao pôr-do-sol
O canto chora... lágrimas sem fim!

A alma dum rouxinol
Sonha com Bernardim.

E desfez-se, apagou-se
Em ondas de saudade — o olor mais doce...

Súbito, heróico de saudades,
Um canto acorda, funde o bronze das Idades!

Oh canto pela noite, em prantos marulhado,
Memória em cujo olor há mortas primaveras,
Pelos astros, o Espaço cadenciado,
Ungido pela benção das Esferas,
Falas da minha raça, dos profetas
Investivando o Mar,
De mouros pela areia, cujas setas
Eram menos mortíferas que o olhar!

Oh ritmo das oitavas
Nas veias do meu sangue a tumultuar!
Oh lira de Camões, acordes de ondas bravas!

E, brônzea a voz sucumbe: os céus ficam arfando,
Reboando, ecoando...

Mas a candura, a graça do sorriso,
De quem vive a morrer,
E tem no olhar de magoa o Paraíso,
E Deus no coração sem o saber,
Desfolham-se num hálito de outono
Pelos céus, pelas almas de abandono...

Oh moreno cantor a ouvir de bruços,
Das góticas ogivas merencórias,
Musgosas de saudade,
Ecos duma outra Idade,
Vozes de viola zoando moribundas,
Morrendo gemebundas;
Crepúsculo de som, penumbra de memórias...

Oh Lusíada absorto
Na quimera do Alem! Infante é tudo morto,
De que serve esperar!

Falas de longe: a Morte diz à Vida
A sua grande, eterna despedida...

Em ti, meu pálido Anto,
Há mortos a falar!

Oh moribunda voz em lágrimas de canto...

E eis-me perdido e só, como um ceguinho,
Tateio céus de extática harmonia,
E vejo Deus em mim a ungir-me de carinho,
E sou onda de luz em melodia...

Morri para viver alem da Morte:
Meu negro olhar agora é azul-celeste,
Ouço na minha lira o meu transporte,
Senhor! Bendita a morte que me deste!

Oh floresta! Oh granitos revestidos
De auroras e crepúsculos e Lenda:
Que o som da minha lira a vós ascenda!
Vossa escultura de intima harmonia
Seja acordes em ecos desferidos,
Eternidade, Azul, melancolia...

Quero inclinar a fronte,
Quero dormir ouvindo de Além-Mundo
Meu carne gemebundo
Rasgando nuvens, céus, aladamente,
E, baixinho, humaníssimo, contente,
Umedecendo ressequida fonte...

E eis-me esculpindo formas de florestas,
Eis-me gravando a som um tronco esquálido,
Abrindo nas prisões esguias frestas,
Por onde o luar se escoia muito pálido...
Eis-me gravado a som, eis-me esculpindo
Oh Cintra o teu perfume pelo Outono...
Eis-me sagrado e lindo,
Rasgando a luz a noite do meu sono...
E vivo a Eternidade no meu canto!
Atônito de mim, revolvo mundos,
Sou mágico de encanto,
Erro pelos abismos mais profundos,
E trago auroras rútilas nos olhos
E harmonizo de paz os horizontes!

Sou melodia úmida do mar
Rezada nos escolhos...

E, ao vir do Outono, incerto de Distância,
Saudoso olor memora a minha infância,
Vou ausente de mim por mim a andar...

Tudo o que eu fui acorda! É água viva...

Cintra, vagueio em ti! Nas tuas fontes
Minha saudade em lágrimas deriva,
E o Outono é o meu fantasma a recordar!

Ancede, outubro de 1912